

## **A Festa do Divino Espírito Santo em Poções - Bahia: Aspectos Religiosos, Profanos e Memorialistas**

Estefanni Patricia Santos Silva<sup>1</sup>

Resumo: A festa do Divino Espírito Santo, que ocorre em diversos municípios do Brasil e em alguns países do mundo, como Portugal, acontece em terras brasileiras desde a colonização do país. Em Poções, município que está localizado na região sudoeste da Bahia, e desde então possui esta festa que é a mais movimentada e comovente da cidade, esta manifestação religiosa tornou-se um símbolo do município que tem como padroeiro o Divino Espírito Santo. O objetivo é analisar a junção que atualmente ocorre na cidade do profano e do religioso com a pesquisa memorialista, que poucos utilizam como fonte de estudo, e, no entanto, tantas informações relevantes trazem ao objeto de análise. Com uma quantidade estimada de memorialistas, sendo a maioria católicos e organizadores dos festejos ao Divino, destaca-se neste trabalho o Senhor Homero Ferreira da Silva, residente na Rua Dom Campelo na cidade de Poções, onde deste local, saem no dia da chegada das bandeiras dois carros com crianças representando os “anjos” (uma das simbologias que diferenciam esta festa das demais sobre o Divino Espírito Santo) que estariam presentes em pentecostes. Na Chegada das Bandeiras, que acontece nas sextas-feiras, dois dias antes do domingo que comemora pentecostes (a descida do espírito santo sobre os doze apóstolos), ocorre o ápice das comemorações ao Divino pela população cristã da cidade: a cavalgada acompanhada com as bandeiras dedicadas ao Divino Espírito Santo. As referências teóricas utilizadas nesse artigo discutem a conceituação de “patrimônio” em Françoise Choay e Pedro Funari, vendo a festividade como um legado cultural; “memória” e “identidade” em Mario Chagas e Regina Abreu, para estabelecer uma ponte com os conhecimentos adquiridos pelo memorialista pesquisado; as “festas do Divino” pesquisadas por Martha Abreu e Mércia Moraes, realizando análises comparativas temporais e espaciais, sobretudo das relações em comum; e por fim, o “ideal expográfico” em Marília Xavier Cury quando se abordam as exposições fotográficas do evento. A metodologia etnográfica e analítica que são empregadas resultam de pesquisas de campo realizadas desde os anos 2000, principalmente de 2004 a 2007. Há descrições sobre as pesquisas e análises dos trabalhos anteriores a propósito da mesma festa. Os resultados obtidos através da pesquisa configuram-se como um registro valorativo das memórias do Senhor Homero Ferreira da Silva, considerado atualmente um requisitado memorialista da região sudoeste baiana, além do exercício de catalogação das fotografias que são expostas na festa do Divino. O festejo religioso cristão é organizado em um novenário (comemoração em nove dias ao Divino Espírito Santo) ocorrendo as missas na matriz da cidade, no ginásio de esportes e no último dia no estádio de Futebol do município. A festa profana acontece paralela à cristã, sempre antes ou após as missas, atualmente ocorrem durante dez a cinco dias.

Palavras-chave: Festa do Divino; Poções e Memorialista.

## Introdução

A cidade de Poções, na Bahia, obtém este nome, devido à existência de vários poços onde hoje é o centro da cidade. Povoada na primeira metade do século XVIII, a partir de 1732, desenvolveu-se ao longo do século XIX. De acordo com a historiadora Moraes (2004, p.7), com a vinda de elementos da cultura religiosa dos colonizadores europeus que mais tarde resultariam na festa ao Divino Espírito Santo, a celebração apresenta marcas originárias da tradição portuguesa. Além disto, a profissional ainda destaca o bandeirismo como elemento desbravador do sertão baiano e em Poções o pioneirismo ficou a cargo da família do bandeirante João Gonçalves da Costa. O município foi elevado à categoria de vila em 1880, ano em que ocorreu sua emancipação política.

Para a pesquisadora Suerlange Ferraz de Jesus:

Segundo relatos de antigos moradores da cidade, o Divino Espírito Santo foi escolhido como titular em virtude de uma nuvem de pombos que pairou durante a construção da Capela da Lapinha. Os festejos ao Divino Espírito Santo são de origem portuguesa, a festa é oficialmente realizada em Poções a partir de 1880, pelo então pároco Luis França dos Santos (2011, p. 6).

A festa do Divino Espírito Santo, como o nome mesmo diz, realiza-se em homenagem ao Espírito Santo, a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, sendo representado pela pomba branca e por línguas de fogo, que pousaram sobre os apóstolos reunidos no cenáculo, em Pentecostes, cinquenta dias após a ressurreição. No centro da cidade, a “Igrejinha” (como é chamada pela população por ser pequena) é dedicada ao Divino Espírito Santo, possuindo em seu frontispício a representação do padroeiro. Há muitos pombos voando sobre a igreja, e desde outrora, a passagem do animal se faz presente no local. Com isto, a simbologia reforça-se em função dos devotos encontrarem a pomba que o representa nos ambientes onde a festa ocorre anualmente.

No decorrer das festividades percebe-se um forte apego ao símbolo representado através das bandeiras, das canções e das orações, que são vista no decorrer de todas as celebrações do novenário. Com relação a isto, Gonçalves diz que:

Evidenciam-se de modo simbólico, totalizadas pelo Divino Espírito Santo. Este, por sua vez, é representado não exatamente como a terceira pessoa da Santíssima Trindade, mas como uma entidade individualizada e poderosa (2003, p.25).

Nesta cidade, em especial na chegada das bandeiras, observa-se esta característica de forma ativa e muito praticada pelos fiéis. Dentre as ações empreendidas que deixam transparecer esta afetividade, encontram-se: segurar os pombos e soltá-los no momento em que a cavalgada passa por si; segurar e beijar a bandeira do Divino; cantar a canção que Ivan Lins compôs chamada “A bandeira do Divino”; soltar fogos; acompanhar a cavalgada, aguardar a benção clerical que ocorre quando os cavaleiros chegam à matriz e entregam a bandeira, levar os familiares para assistir a comemoração, realizar as preces diante das bandeiras, colocar crianças nos cavalos para serem fotografados (guardando de recordação da festa do ano retratado), entre outras.

## A Festa

A festa é organizada com base no dia de Pentecostes. Devido a isto é realizada nos meses de maio ou junho, quando normalmente durante a noite atinge-se uma temperatura entre 17° e 15° graus, esporadicamente ou até menos, revelando a devoção dos fiéis que mesmo com a baixa temperatura resistem ao frio para afirmar sua fé.

Uma peculiaridade que existe nesta festa, assim como se encontram em tantas outras, é o fato de haver a junção das classes sociais no evento. Atualmente, não há registros de

separação entre os grupos, pois no novenário, que ocorre na igreja matriz, no ginásio de esportes e no estádio de futebol, não há bancos separando famílias ou hierarquias de qualquer natureza; entretanto, no período em que Monsenhor Honorato era pároco, de 1937 até 1942 e depois de 1947 até 1985-1986 havia tal distinção. No momento do ofertório pessoas de diversas camadas se oferecem para ajudar na cerimônia das missas; no dia da chegada das bandeiras, em frente à igreja matriz ficam os políticos da cidade e aliados de outros locais, acompanhados com o pároco e religiosos da arquidiocese de Vitória da Conquista e convidados; todos na espera do estandarte que é carregado pelo Memorialista Homero Ferreira da Silva junto à cavalaria. Nestes instantes, a população se une aos políticos e aos religiosos em um mesmo espaço para esperar a chegada, aparentando em sociedade uma suposta união que o padroeiro proporcionaria nos dias de festa entre as divisões Poçoense.

A Chegada das Bandeiras, considerado o momento ápice dos festejos religiosos, inicia-se às 05h00min em média com a alvorada na Praça Monsenhor Honorato, organizada pelo memorialista Homero Ferreira da Silva junto aos seus familiares e amigos. Os foliões da festa de largo vão até a Igreja matriz ver a alvorada que todos os anos ocorre com queimas de fogos. Algumas pessoas que vão prestigiar os fogos de artifício neste horário logo permanecem no espaço central da cidade e ficam aguardando a chegada das bandeiras, que passam em frente à matriz às 10h00min; durante a tarde, vão ao encontro dos blocos (festa de camisa aberta) e durante a noite assistem mais shows. Existem alguns foliões que ficam de dois a três dias na folia sem descansar, participando das comemorações religiosas e profanas.

Anteriormente, no lugar da Chegada das Bandeiras, devido à carência da comunidade, a igreja confeccionou duas bandeiras do divino, que percorriam a zona rural e a urbana, a fim de arrecadar fundos para a realização da festa. Após meses de peregrinação a bandeira era deixada em uma fazenda nas proximidades de Poçoêsinho e era entregue à cavalaria e aos membros da sociedade, como acontece nos dias atuais.

Um grande número de bandeiras são depositadas na igreja devido ao pagamento de promessas feitas ao Divino. Devotos as entregam na matriz ou ao Senhor Homero e depois são levadas para Poçoêsinho, onde acontece o início da chegada das bandeiras.

A cavalgada na atualidade acompanha a seguinte ordem: dois carros, com carroceria devidamente enfeitada com flores e tecidos coloridos, levando crianças vestidas de anjos com túnicas de cores brancas, amarelas e azuis, utilizando acessórios como coroa de flores artificiais na cabeça (as meninas), e os meninos, sobre as túnicas, faixas transversais e segurando bandeiras com figuras de pombas bordadas. Em seguida, doze Cavaleiros e amazonas vestem uma capa branca, bordadas com lantejoulas douradas e uma pomba (representando o Divino), sendo que entre eles, há o Senhor Homero Ferreira da Silva que carrega o estandarte de veludo marrom, diferente dos demais, pois a maioria das bandeiras possui as cores vermelhas ou brancas. À frente alguns Cavaleiros e amazonas acompanham com uma capa vermelha (em torno de trinta e oito pessoas) e depois centenas de fiéis, seguem sem capas, sobre os cavalos com bandeiras representando o Divino, além de carroceiros, motociclistas, ciclistas e etc. Além destes há uma cavalaria de policiais ou soldados do exército, acompanhando os doze cavaleiros da frente.

Por volta do final da segunda metade do século XX iniciou a prática de colocar estes anjos a frente da cavalgada; antes disto, não havia este acompanhamento.

Com o passar do tempo, a cavalaria segue, não com o significado religioso (para alguns), mas em ritmo de brincadeira, ou seja, acompanham apenas por ser tradição, utilizando acessórios irônicos e entoando músicas profanas a fim de divertir-se com o momento tradicional da cidade, sendo que não são todos que participam e possuem este intuito. Um exemplo é a turma do Jegue, onde as pessoas montam em cima dos jegues e acompanham a cavalgada. Estes não seguem com o intuito religioso, entretanto, também são abençoados pelo clero.

A Chegada das Bandeiras sai às 10h00min de Poçoêsinho (bairro localizado ao sul do município), percorrendo toda a Rua de Vitória da Conquista, sempre com fogos de artifícios sendo lançados e músicas do Divino, sobretudo a composta por Ivan Lins. Sobem algumas Ruas largas da cidade, passam pela praça principal e seguem rumo à matriz. As pessoas saúdam a cavalgada a todo tempo e manifestam a sua fé de diversas formas.

**Foto 1:** As “anjas” em frente à matriz. Festa do Divino



**Fonte:** Arquivo Carmen Rocha Santos Silva (de acordo com a responsável pela foto, provavelmente é de 1990 ou 1991)

O autor José Reginaldo Santos Gonçalves salienta em suas pesquisas sobre o Divino que:

Do ponto de vista dos devotos, a coroa, a bandeira, as comidas, os objetos (todo esse conjunto de bens materiais que integram a festa são propriedade das irmandades) são, de certo modo, manifestações do próprio Espírito Santo. Do ponto de vista dos padres, são apenas “símbolos” (no sentido de que são matéria e não se confundem com o espírito). Na visão dos intelectuais, são apenas representações materiais de uma “identidade” e de uma “memória” étnicas (2003, p.26).<sup>2</sup>

Os representantes da igreja, responsáveis pela celebração, também se comovem e participam ativamente, no entanto, assim como os intelectuais não se envolvem como os devotos, levantando-se a hipótese de crer que toda a simbologia presentes nas representações do Divino são manifestadas e criadas, na maioria das vezes, pelos fiéis leigos.

Na contemporaneidade, todos os anos da festa têm sido dedicados, além do padroeiro, aos temas que são lançados na campanha da fraternidade. Além disto, promovem em alguns anos, em um dia do novenário, o que chamam de culto ecumênico, ou seja, convidam pastores de algumas igrejas evangélicas e junto aos padres realizam uma celebração da palavra. Na Paróquia, contam com a presença da fraternidade dos missionários orantes da Sagrada Face (que estão na cidade por volta da segunda metade da Década de 1990) e das Irmãs

Medianeiras da paz (que estão por volta da segunda metade do século XX no município). Estas entidades reforçam o sentido religioso na sociedade, por serem participativas nas festividades e proporcionarem ajuda mútua na organização do evento.

De caráter religioso e profano a festa também proporciona *shows* com artistas locais, regionais e até mesmo em âmbito nacional. Tendo a sua origem com a organização dos festejos pela Paróquia, a fim de arrecadar fundos para as próprias despesas da parte religiosa e recepcionar os convidados, assim iniciaram-se as festas de largo. Sobre o religioso e profano, Martha Abreu, referência em festas no Brasil, afirma sobre as festas do Divino no Rio de Janeiro (1830-1900): “Além das missas com músicas mundanas, sermões, te-déuns, novenas e procissões, eram partes importantes as danças, coretos, fogos de artifício e barracas de comidas e bebidas” (1999, p. 34).<sup>3</sup>

Em um determinado pavilhão organizado pela Comissão da festa realizavam-se leilões com os donativos arrecadados pela bandeira ao som da “Filarmônica Primavera” que era composta por cidadãos Poçoense, que durante muito tempo esteve sob a regência do maestro Bernardo Fagundes, conhecido na cidade como seu Nadinho Fagundes.

A prefeitura, junto com os convênios, promove os *shows* durante os novenários, sempre depois ou antes da missa. Em alguns anos, principalmente nestes últimos tempos, são reduzidos os dias da festa de largo, em média de dez a cinco dias. O espaço onde ocorrem estas festividades é uma quadra de esporte sem cobertura que foi construída em 1998 pelo Prefeito Antônio Edvaldo Macedo Mascarenhas (conhecido na cidade como Tonho Gordo<sup>4</sup>), sendo que antes deste ano o espaço não possuía o formato de hoje. As barracas, anteriores a esta data, possuíam a estrutura de madeiras com o revestimento de palhas de coqueiros; depois da inauguração, barracas padronizadas as substituíram e bandas renomadas nacionalmente passaram a ser contratadas. Sobretudo nas décadas de 1970 e 1980 havia pavilhões, onde predominava certa desigualdade entre as classes, da seguinte forma: algumas barracas reproduziam sons mecânicos e pessoas, normalmente da classe baixa, as frequentavam. Sendo que em outras barracas, onde pessoas das classes médias e altas da cidade ficavam, artistas da terra tocavam e promoviam leilões.

Em 1998, com a inauguração da quadra, verifica-se a centralização dos *shows* presente no posicionamento do palco, sendo que esta concentração em torno de um palco acontece antes mesmo deste ano. Com isto, as pessoas das diversas classes se misturam e curtem o mesmo som, no entanto por questões de conforto ainda existe certa diferença, pois normalmente as classes menos favorecidas ficam em frente do palco, visualizando o artista com precisão e a parte elitizada da cidade (classe média e alta) fica nos fundos, ou nas barracas de comes e bebes, ainda hoje chamados de pavilhões. As pessoas que frequentam a festa de largo são turistas de cidades vizinhas, principalmente cidadãos da cidade e poçoenses que moram em outros municípios. Sobre este processo de valorização das pessoas que são da terra e mesmo morando em outro local retornam para ver a manifestação com as quais se identificam escreve Marcos Ferreira Santos que isso ocorre:

(...) porque essa noção de herança nos vincula a algo que nós recebemos e que nós não valorizamos. Por vezes, só valorizamos quando estamos na iminência de perdê-lo ou quando, por que fomos para muito longe, nós o reencontramos (2004, p. 149).

Na noite do sábado (um dia antes de Pentecostes), em uma praça onde fica o crucifixo antigo representando a Lapinha (primeira igreja de Poções), os fiéis e o memorialista Homero Ferreira da Silva vão buscar o mastro, que consiste em uma tora de madeira com decoração branca, vermelha e flores naturais. De acordo com a historiadora Mércia Coêlho Moraes, que estudou a Festa do Divino em Poções, esse costume:

Está ligado a expansão marítima, quando os navegantes resolveram colocar duas madeiras (mastros) nas embarcações para içarem as velas, o que lhes permitiu conhecer todo o mundo. Em virtude desse acontecimento, o Papa Leão XIII ordenou que colocassem em frente às Igrejas um Mastro com uma bandeira obtendo a

imagem do padroeiro do lugar como forma de identificação para os visitantes (2004, p.70).

As pessoas carregam-no e fazem os seus pedidos ao som de músicas religiosas, ocorrendo naturalmente um revezamento para que todos tenham a oportunidade de pegar na tora e fazer os seus pedidos. De acordo com os devotos, os seus pedidos se realizam e nos anos seguintes eles retornam ao cortejo ou então confeccionam uma bandeira e levam à igreja Matriz como forma de gratidão. No decorrer passam em frente ao fórum da cidade, ao lado da prefeitura, da câmara dos vereadores, da praça principal da cidade até chegar à Igreja do Divino onde o mastro é devidamente colocado e só retirado na festa do próximo ano, podendo ser a mesma tora mas com adornos diferentes.

A igreja é um dos grandes símbolos que há na cidade remetente à festa. A população da cidade tem apego a esta edificação do século XIX e estabeleceu de forma indireta um respeito a todos que passem por ela. Tanto os foliões, quanto os visitantes no decorrer das festividades não proporcionam atos de vandalismo no espaço e nem de orgias. Deixando clara esta concepção de salvaguarda patrimonial, assim escreve Françoise Choay: “A preservação dos monumentos antigos é antes de tudo uma mentalidade” (2001, p.149).

Com o decorrer dos anos alguns padres na paróquia do Divino, entre eles o padre Estevam Santos Silva Filho têm manifesto incômodo com os gastos realizados na festa de largo e em alguns momentos, até mesmo em público, pronunciado a sua irritação com relação à administração realizada junto ao fundo monetário investido nos festejos. Na festa de pentecostes no estádio de futebol da cidade, em junho de 2006, ele disse a todos no momento da homilia:

Diante de minha responsabilidade pastora, sinto-me no dever, à luz do Concílio Vaticano II e das conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo, de questionar publicamente o poder civil municipal que patrocinou 10 dias de muita festa, madrugada a fora, em um período de fome e de desemprego que atravessa o nosso município. (...)

Esta festa de largo de forma carnavalesca deixou de ser aquela tradição bonita e familiar, que era no passado. A festa deste ano não trouxe emprego, não fortaleceu a educação, não solucionou o problema da violência e não melhorou a saúde. A partir de amanhã, colheremos os prejuízos. O sonho acabará e logo chegará os pesadelos. (...)

Que o Divino Espírito Santo nos ilumine para compreendermos quais são os sinais da verdadeira tradição e quais os outros interesses que estão por trás destes festejos”. Poções, festa de pentecostes, 2006, Pe. Estevam dos Santos Silva Filho-Pároco (*Jornal Folha do Divino*. Informativo da Paróquia do Divino Espírito Santo Poções-Ba: Junho,2006).

Diante do pronunciamento muitas pessoas ficaram agitadas e começaram a questionar sua realidade em razão do que o padre havia dito. A administração da cidade estava investindo em festas caras e o sentido religioso estava sendo mantido pela inúmera quantidade de cristãos católicos em um momento em que o desemprego afetava o local e os problemas não eram resolvidos contratando grandes atrações, sendo que de acordo com o pároco o sentido religioso estava se perdendo. Por outro lado, os que discordaram deste posicionamento do vigário vaiaram sua fala, deixaram o local, elevaram sua voz sobre o absurdo que para eles estava sendo dito e outros foram reclamar com o prefeito que estava acompanhado da primeira dama na missa.

Após a fala do padre Estevam, o bispo da Arquidiocese de Vitória da Conquista Dom Geraldo Lírio Rocha expôs o seu posicionamento frente ao que foi dito:

Quero dizer a todos irmãos e irmãs que a palavra dirigida pelo pároco Pe. Estevam questionando sobre 10 dias de festa de largo em Poções, já era de meu conhecimento e conta com meu pleno e total apoio. Precisamos corrigir o que está errado e preservar o sentido religioso da festa do Divino. ‘Festa do Divino Espírito Santo, é festa religiosa’. Qualquer outra coisa desvirtua os sentidos originais, tradicionais e autênticos da festa do Divino e perturba a religiosidade do nosso povo. Temos que

preservar a festa religiosa; esta sim é patrimônio do povo de Poções e patrimônio da Igreja (*Jornal Folha do Divino*. Informativo da Paróquia do Divino Espírito Santo Poções-Ba: Junho,2006).

Frente ao posicionamento de Dom Geraldo, percebe-se um olhar sobre a festa no sentido patrimonial de ênfase ao religioso como se a festa profana não possuísse um significado para as pessoas da cidade. A preocupação social com relação à promoção de uma vida digna, sobretudo aos jovens do município, é algo claro nas duas falas, inclusive deixa explícito que bonito e familiar é estar nos eventos da igreja com todos reunidos e não curtindo a “carnavalesca” festa que organizam após as festividades religiosas. Entretanto, com relação ao mastro, que é posto na Igrejinha (monumento católico) onde adquiriu com o decorrer dos anos uma simbologia popular, mesmo não integrando o ritual litúrgico, nada é dito. Pedro Paulo Funari, ao escrever sobre os desafios da conservação dos monumentos e a perspectiva que deve existir em preservar, afirma:

Devemos lutar para preservar tanto o patrimônio erudito, como popular, a fim de democratizar a informação e a educação, em geral. Acima de tudo, devemos lutar para que o povo assuma seu destino, para que tenha acesso ao conhecimento, para que possamos trabalhar, como acadêmicos e como cidadãos, com o povo e em seu interesse (2007, p.67).

Sendo a festividade religiosa remota, cativante e promotora do despertar de tantos sentimentos na população, sobretudo na expectativa da chegada do evento, nota-se que a sociedade se emociona bastante com o novenário, principalmente com a chegada das bandeiras. No entanto, a ansiedade em ver as atrações que movem a festa de largo atualmente é o maior estimulante para a população local e visitantes das festividades. Mesmo com as marcas da contemporaneidade e as mudanças naturais que ocorrem em todas as manifestações culturais, observa-se a ênfase popular no atrativo profano que o festejo do Divino adquiriu neste século: a Chegada das bandeiras e festa de largo.

A festividade incomoda muitas igrejas evangélicas da cidade, principalmente as que estão presentes no centro da cidade. Nos dias das festas os setores evangélicos proporcionam retiros espirituais aos seus membros, viagens turísticas, entre outras atividades. Algumas acabam promovendo alguns cultos esporádicos, no entanto, não nos dias da festa de largo, pois o barulho dos *shows* incomoda a pregação.

Nos festejos de largo se fazem presentes barraquinhas de cachorro quente (os poçoenses os adoram, tanto crianças, quanto jovens adultos e idosos, uns dizem que este lanche já é “a cara da festa”), barracas com uvas e “maçãs do amor”, os chamados “capetas” (que são barracas onde se vendem bebidas alcoólicas, inclusive aos jovens que as consomem), barracas premiadas (onde a pessoa mira em um objeto ou doce e caso consiga acertar o alvo ganha o que derrubou, ou às vezes, uma premiação maior como um urso de pelúcia por exemplo), as famosas grandes bolas (consistem em bolas de plástico resistentes, as quais algumas crianças da cidade comparam ao do personagem Kiko, do seriado Chaves), além do estimado parque de diversão, que todos os anos chegam à cidade. Esta infra-estrutura fica montada entre duas e três semanas e o parque, normalmente apenas em uma semana.

Em alguns anos, ocorrem às chamadas Mostras Culturais que reúnem fotos da cidade e da população no coreto (um dos grandes símbolos materiais da cidade e que está situado na Praça do Jardim dos Pássaros, ao lado da igrejinha). Expograficamente, a exposição é inacessível aos diversos públicos, pois a função de comunicar não se efetiva, uma vez que não existem etiquetas com nome da obra, fotógrafo e data, ou quando existem são insuficientes ou incompletas. Além disto, as obras ficam bem próximas umas das outras, apesar de haver lonas ou outros meios de cobertura nas extremidades do coreto, dificulta-se a fruição e a acessibilidade. As obras também recebem luz solar direta, danificando-as, além de não serem empreendidos cuidados de conservação e segurança do bem. O público que vê as fotografias, as observa rapidamente, mas alguns, especialmente os adultos e idosos, ficam muito tempo

vendo as imagens e apresentam aos filhos e netos como era em sua época a cidade ou a pessoa à qual está se referindo. Por vezes, há pessoas perguntando aos organizadores da exposição, sobre data, nome da pessoa retratada, e os mesmo não sabem informar esses dados.

A iniciativa de guardar as fotografias da cidade antiga e expô-las na festa do Divino é admirável, entretanto o material está sob a guarda de poucos indivíduos e com pouco espaço para armazená-las, precisando assim, na cidade, de uma política preservacionista para salvaguardar o legado cultural que na região existe, entendendo-o como um bem público.

Sobre peças que remetem à cultura, escreve Silvania Sousa do Nascimento: “Os objetos da Cultura remetem às tradições identificadas pelo grupo com suas marcas distintivas, específicas e identitárias” (2009, p.20).

No último dia da festa, domingo de pentecostes, os festejos religiosos ocorrem no estádio municipal que normalmente enche de pessoas seguido com a missa campal, sendo que às 05h00min há uma alvorada de fogos de artifício representando o barulho dos trovões que houve no dia de pentecostes. Depois segue a procissão, tendo muitos fiéis de roupa branca e descalços para pagar promessas, outros, levam bandeiras que a comissão organizadora da festa distribui e assim prosseguem seguindo os andores. No final, devolvem as bandeiras, fazem os últimos pedidos e entregam flores encerrando as festividades religiosas na Igreja Matriz. Durante toda a festividade padres de outros municípios são convidados à celebrar missas, bem como bispos. Em seguida, a festa de largo dá o prosseguimento encerrando a noite, normalmente, com a última banda por volta das 04h30min da manhã.

## O Memorialista

Homero Ferreira da Silva, conhecido pela população como o Senhor Homero, é um dos organizadores da Chegada das Bandeiras desde 1990. Nascido na cidade de Poções na Bahia, é um oficial de Justiça aposentado e casado com a Senhora Nivalda de Almeida Silva com quem teve onze filhos. Este homem acompanhava os senhores ligados à festividade com quem adquiriu muitos conhecimentos sobre a história da cidade de Poções e da região sudoeste baiana. Tedesco, ao analisar a relação da memória, cultura e identidade étnica, escreve:

(...) o cotidiano é o espaço por excelência de percepção das formas, do significado e das redefinições da historicidade e da dinâmica das representações sociais que norteiam a vida de idosos. (2004, p.229)

Procurado por muitos pesquisadores que se debruçam sobre a historicidade presente nesta região, o senhor Homero a princípio fica um pouco desconfiado com alguns. Ao conquistar a confiança do memorialista as informações pedidas são dadas com bastante emoção e certeza, revelando a paixão que possui pelas festividades, neste caso especificando ao Divino Espírito Santo, transmitidas com muita precisão. Costuma passar vídeos e mostrar fotos da festa aos seus convidados, amigos e pesquisadores.

**Foto2:** O senhor Homero com a sua neta Niedja Fagnani. Festa do Divino.





**Fonte:** Arquivo Carmen Rocha Santos Silva (Maio de 1989).

Quando assumiu a função de empunhar o estandarte na chegada das bandeiras o senhor Homero iniciou um trabalho contínuo, durante todo o ano, junto aos seus filhos (até hoje isto acontece). Alguns na época já estavam casados e com suas esposas e filhos o auxiliavam nos preparativos para a festa. Sobre este segmento, importante na continuação da prática e do registro dos fatos, escreve Tedesco:

Conforme as gerações se distanciam, repositórios de lembranças se associam aos seus sucessores, segmentos de tempos vão se conectando com lembranças mais antigas (...). (2004, p.229)

Com isto, toda a família (filhos, genros, noras e netos) se mobilizava para o evento. Atualmente, também há bisnetos e os mesmos auxiliam no que está acessível, um exemplo desta ajuda que fazem, verifica-se no carro dos “anjos”. Desde muito tempo estes carros na maioria são compostos por netos do Senhor Homero. Além disto, um número elevado de pessoas que enfeitam os carros dos “anjos” e confeccionam as bandeiras são amigos e filhos. Assim, há uma mobilização por parte dos descendentes do Senhor Homero para que todos os anos a festa aconteça, os “anjos” estejam prontos e a chegada das bandeiras permaneça sendo o diferencial das demais festas ao Divino, e principalmente um dos símbolos da cidade de Poções de tal modo que o envolvimento e a responsabilidade do memorialista nas festividades continue se mantendo e sendo legitimada pela população.

### **Fontes Documentais**

- Arquivo Fotográfico de Carmen Rocha Santos Silva (década de 1990);
- Folder do colégio IECEM do mês de Maio de 2005;
- *Jornal Folha do Divino*. Informativo da Paróquia do Divino Espírito Santo Poções-Ba, do mês de Junho de 2006;
- Programações das festas nos anos de 2004, 2005, 2006 e 2007;

## Referências

ABREU, Martha. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro, DPCA, 2003.

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. Tradução: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade Editora da UNESP, 2001.

CURY, Marília Xavier. *Exposição, concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Arqueologia e Patrimônio*. Erechim/RS: Habilis, 2007.

JESUS, Suerlange Ferraz de e IVO, Isnara Pereira. *Emoção e Fé: dos festejos do Divino à Chegada das Bandeiras*. Trabalho de graduação em História. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista – Ba: UESB, 2002.

LOURENÇO, Érica; GUEDES, Maria do Carmo e FREITAS, Regina Helena de (orgs). *Patrimônio cultural, museus, psicologia e educação: diálogos*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2009, p. 15-29.

MORAES, Mércia Coêlho. *O Sagrado e o profano em Poções*. Trabalho de especialização em História Regional, pela Universidade do Estado da Bahia. Santo Antônio de Jesus-Ba: UNEB, 2004.

SANTOS, Marcos Ferreira. *Cultura Imaterial e Processos Simbólicos*. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, 14: 2004, p. 139-151.

TEDESCO, J. C. *Nas Cercanias da Memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo, RS: UPF; Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS); Monitora da disciplina Fundamentos de História do Brasil e de Sergipe I e II (PROGRAD/UFS) desde 2010; Pesquisadora PIXVol (PROEX/UFS) e Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e Patrimônio Sergipano (GEMPS/CNPq). Orientanda da Profa. Dra. Janaina Cardoso de Mello (NMS/PROARQ-UFS).

<sup>2</sup> Observa-se a análise que o autor faz sobre as diversas percepções desta festa, apesar da festa do divino por ele estudada ser diferente da que ocorre na cidade de Poções, pois não existe a presença do imperador e por isso não utiliza a simbologia da coroa a qual ele cita, observando-se a enorme presença que os fiéis delegam aos materiais e cujos aspectos da imaterialidade transformam.

<sup>3</sup> A obra de Martha Abreu “O Império do Divino” trabalha com a Festa do Divino Espírito Santo realizada todos os anos no Campo de Santana no Rio de Janeiro, que como em Poções, é o evento mais agitado do local. Além disto, recupera os folcloristas como fontes de informações, como no caso deste trabalho os memorialistas.

<sup>4</sup> Chamado “Gordo” irônicamente, pois era bastante magro.